

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL**

**BRUNA RAQUEL PILATTI WEIRICH**

**CONFLITOS E RESISTÊNCIA ENTRE INDÍGENAS E IMIGRANTES NO RIO  
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX**

**São Leopoldo**

**2017**

BRUNA RAQUEL PILATTI WEIRICH

**CONFLITOS E RESISTÊNCIA ENTRE INDÍGENAS E IMIGRANTES NO RIO  
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX**

Artigo apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Especialista em  
História, pelo Curso de História do Rio  
Grande do Sul da Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Máira Inês Vendrame

São Leopoldo

2017

# CONFLITOS E RESISTÊNCIA ENTRE INDÍGENAS E IMIGRANTES NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

Bruna Raquel Pilatti Weirich<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo visa demonstrar os conflitos entre nativos - indígenas coroados - e imigrantes europeus, oriundos do processo de imigração maciço que ocorre com maior intensidade a partir do século XIX no sul do país. Ainda se objetiva destacar o processo de resistência indígena, muitas vezes invisibilizado pela literatura tradicional, utilizando como base a trajetória de dois personagens nativos que viveram entre os imigrantes, Luís Antônio da Silva Lima e Maria “bugra”. Para a realização do presente artigo, se analisará os mecanismos do governo brasileiro e dos próprios colonizadores em dispersar e exterminar os indígenas de áreas destinadas à sua moradia e cultivo, como também, as tentativas de integração e pertencimento constantemente exercidas pelos indígenas. Mais do que permanecer na terra que consideravam sua, a busca por reconhecimento enquanto ser humano se faz constante, permeando os relatos, conflitos e vivências das personagens em destaque.

**Palavras-chave:** Imigrantes. Indígenas. Conflitos. Resistência.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo abordará a experiência da colonização europeia no Rio Grande do Sul, ambientada em pleno século XIX a partir do conflito entre o olhar indígena e do imigrante, entendendo que este importante processo não privilegiou aos nativos da terra possibilidades de inserção no mundo que se buscava desenvolver. Como plano de fundo desta análise, se pretende comparar e problematizar a trajetória de dois personagens - Luís “bugre” e Maria “bugra”- frente a este contexto de incertezas e desafios. Para fundamentar o presente artigo, serão utilizadas diferentes fontes bibliográficas, além de jornais, relatos e documentos.

Explica-se, facilmente, que os homens primitivos tivessem erguido suas tabas nesse sítio, onde, por um lado, estavam próximos à imensa mata virgem, de onde tiravam frutas e caça em abundância, por outro lado não ficaram longe do Rio dos Sinos rico em peixes e animais aquáticos. Com a chegada do homem branco os indígenas da região colonial foram se retirando mais para o interior das selvas, donde, por algum tempo, ainda inquietaram os imigrantes, tendo mesmo morto e aprisionado alguns deles. No entanto, com

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Feevale, pós-graduada pela Universidade Ulbra (Educação e Estudos Culturais), professora na rede privada de ensino (Colégio Santa Teresinha) e professora da rede pública de ensino (Colégio 31 de Janeiro). Atua como professora de História, Sociologia e Filosofia. E-mail: <[bruna.pilatti@santa.g12.br](mailto:bruna.pilatti@santa.g12.br)>.

o desenvolvimento da colonização, esse perigo desapareceu de todo (PETRY, 1959, p.12).

O trecho acima, extraído da obra “O município de Novo Hamburgo” de Leopoldo Petry,<sup>2</sup> possibilita uma problematização inicial sobre o entendimento do indígena frente ao processo de imigração do Rio Grande do Sul. Petry demonstra como a opção mais comum das comunidades indígenas locais neste processo de colonização, foi a migração para regiões mais descentralizadas e distantes dos colonizadores que desembarcaram em grande volume especialmente a partir de 1824. Conforme o fragmento, abaixo se percebe que o incentivo à colonização com europeus foi a única opção avaliada após o fim do tráfico negreiro se tornar uma realidade inadiável:

A primeira fase da colonização, com imigrantes não portugueses, foi pautada pela expectativa da supressão do tráfico. (...) além da questão da suspensão do tráfico negreiro, a necessidade de soldados que defendessem a independência brasileira diante das pretensões portuguesas é um aspecto a ser considerado no contexto que motivou o começo da colonização alemã no Brasil (CUNHA, 1999, p. 1144).

Além deste deslocamento provocado pela falta de integração dos nativos nas regiões que recebiam colonizadores europeus, Petry descreve o nativo como uma ameaça à integridade e ao desenvolvimento do imigrante em solo gaúcho, destacando-os como assassinos e sequestradores, desconsiderando completamente o posicionamento dos indígenas neste cenário altamente excludente. Deste modo, a imigração europeia constantemente se apresenta como uma trajetória de sucesso, superação, conquista e domínio pleno do europeu sob o indígena, o “bugre”. Muitos atritos e até mesmo as relações de solidariedade e apreço entre nativos e imigrantes foram negligenciados pela historiografia, dificultando o conhecimento e aprofundamento destes temas. Deste modo, esta análise visa preencher algumas lacunas da historiografia.

---

<sup>2</sup> Leopoldo Petry foi prefeito de Novo Hamburgo (gestão de 1927 a 1930) e escritor.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Etnicidade em conflito

A questão étnica é um fator importante quando analisamos o contexto de colonização europeia no Vale do Sinos. A construção de “líderes”, “mocinhos” e “vilões” é bastante marcante, principalmente para a manutenção de redes de solidariedades, proteção e exclusão. Regina Weber afirma que

Um momento importante deste processo de unificação é a “nominação”, que vem associada à delimitação de quem pertence e quem não pertence ao grupo, e à classificação deste grupo numa escala social. Nominar pode significar a) atribuir-se uma identidade, “criando” o grupo; b) atribuir uma alcunha (em geral negativa) a um conjunto de pessoas vistas de fora; c) positivar um termo que esteja carregado de conotações negativas (2013, p. 5).

Esta “nominação” é bastante marcante quando nos deparamos com a relação entre os imigrantes e os nativos, por exemplo.

A prática de classificação e a conseqüente tratativa diferenciada entre esses grupos conflitantes, marca destacadamente esta análise, buscando problematizar questões que foram simplificadas ao longo do tempo. Conforme aponta Renato Athias

A historiografia oficial sempre mostrou os povos indígenas como se eles tivessem desaparecido desde os primeiros contatos ocorridos na costa brasileira. Ainda hoje os manuais escolares evitam falar dos povos indígenas, ou quando falam, usam uma conotação racista se referindo a um passado longínquo (2007, p.31).

Este passado “longínquo”, que buscou reforçar uma história essencialmente branca para construir um sentido de nação brasileira, foi fruto do pensamento social do século XIX. Giralda Seyferth destaca que

A nação imaginada pelo nacionalismo racializado, portanto, não tinha espaço para negros nem mesmo para os indígenas e mestiços que, na hierarquia biológica dos esquemas classificatórios fenotípicos, estavam mais próximas de “raças bárbaras”. No entanto essa mesma nação podia incorporar aspectos significativos das culturas negras e indígenas, como expressões da cultura popular singular necessária ao princípio de nacionalidade. É, assim, paradoxal que a imigração tivesse entre seus objetivos o clareamento da população (que também significa ocidentalização) supondo, que, num processo histórico de mestiçagem fossem prevalecer as características da “raça branca” (SEYFERTH, 2002, p.36).

Essa tentativa de manter delimitações étnicas, faz parte do processo migratório e da reação conflituosa oriunda do processo de colonização do sul do Brasil.

## **2.2 A nomenclatura bugre**

Para analisar alguns desafios dos indígenas no processo de colonização e compreender a discriminação enfrentada por estes povos, é preciso identificar não só os conflitos oriundos desta relação, mas reconhecer a origem do preconceito e o tratamento destas populações pelos próprios imigrantes a partir da rotulação dos nativos como “bugres”. Segundo o professor de Sociologia, Luís Augusto De Mola Guisard, a nomenclatura bugre surge na Europa, durante a Idade Média. Era utilizada para designar pessoas hereges e contrárias aos dogmas da Igreja Católica:

Aos poucos, no Mundo Ocidental, o sentido da palavra bugre vai se transportando de um mundo religioso para um mundo profano, levando consigo a ideia do bugre como o devasso, o sodomita, o pederasta, o infiel em que não se pode confiar, que representa a porção mais baixa da sociedade europeia (...). Finalmente, este termo vem a ser associado aos índios encontrados na América e, simultaneamente, no Brasil. No Brasil, os costumes dos índios, os hábitos alimentares, o fato de andarem nus, a cor da pele, os traços faciais, a "imoralidade" e a relação com o meio ambiente seriam vistos como sinais de proximidade ou mesmo plena imersão na natureza, configurando uma pré-humanidade que mal se distingue da animalidade... (GUISARD, 1999, p. 92).

Essa visão empregada no Brasil para diferenciar de maneira pejorativa os indígenas não se resumia a um rótulo, norteando, ainda, uma prática na tratativa destes sujeitos e por vezes trazendo consequências conflituosas entre as etnias.

## **3 ANÁLISE DE CASOS: MOTIVAÇÕES, AÇÕES E CONFLITOS ENTRE INDÍGENAS E IMIGRANTES**

Para ilustrar as percepções sobre os choques ideológicos entre indígenas kaingangs e imigrantes na região sul do Brasil, o presente artigo apresentará dois casos de convivência e conflito étnico, visando exemplificar os principais desafios, motivações e práticas de ambos os grupos na tentativa de sobrevivência e dominância de uma localidade e manutenção de suas crenças.

### 3.1 O caso de Luís Antônio da Silva Lima

Até o século XIX, a localidade de São Vendelino e arredores era composta por mata virgem e habitada por indígenas coroados – conhecidos atualmente como kaingang - e, aos poucos, recebia os primeiros imigrantes europeus que chegavam a fim de residir, desenvolvendo essencialmente a agricultura. Barbosa (2013, p. 17) registra que “não havia gente branca em todas aquelas matas das encostas do Rio das Antas ao Cai”. O autor também afirma que

os imigrantes, penetrando na mata, vão ocupando as terras que os índios consideravam de sua exclusiva propriedade. Por isso eles não toleraram a desenfreada e sistemática devastação de seus domínios, a derrubada das matas, onde conseguem o sustento, a caça dos animais e a colheita das frutas. Tratam então de dar combate aos colonizadores (BARBOSA, 2013, p. 17).

Os indígenas, como forma de protesto à exploração das terras, organizaram incursões às colônias, “saqueando e destruindo as plantações”. Os imigrantes, desgostosos com a resistência indígena, organizaram emboscadas armadas contra eles:

Em 1847, ano fatídico e sombrio para muitos moradores da jovem colônia Feliz, ocorreram diversos ataques e incursões dos Coroados. Não apenas devastavam as plantações, mas também lhes pilhavam o gado dos poteiros. Tendo tais acontecimentos como argumento, reuniram-se diversos colonos na tentativa de deliberar sobre a organização da defesa (DORNELLES, 2010, p. 3).

Porém, em uma destas ocasiões de conflito étnico e territorial, uma situação inesperada ocorreu. Dornelles (2010, p. 4) afirma que

(...) um menino, de aproximadamente onze anos, atingido no joelho, e desta forma, inapto para a fuga, tornou-se prisioneiro dos colonos. Esse índio não foi recebido, a princípio por nenhuma família alemã. O certo é que quando estavam quase decididos a devolvê-lo aos seus, foi acolhido por Matias Rodrigues da Fonseca, de origem portuguesa, mas firmemente integrado à colônia alemã. Dois anos depois, em 1949, foi batizado na religião católica, como Luís Antônio da Silva Lima (...).

Deste modo, inicia a trajetória peculiar de um indígena vivendo entre os imigrantes europeus no contexto do século XIX.

### 3.2 Adaptação e convivência

A partir da situação que afastou o grupo kaingang e deixou um de seus membros na colônia de São Vendelino - Luís Antônio da Silva Lima -, questões de conflito e ruptura de convivência entre nativos e imigrantes ficam bastante evidentes. Porém, apesar destes atritos oriundos de disputas territoriais, o indígena Luís Bugre, como era popularmente conhecido, se integra à sociedade mesmo sofrendo com o olhar de estranhamento dos imigrantes. O próprio apelido – Bugre - acrescido ao seu primeiro nome pela comunidade local, fazia com que tanto Luís quanto os imigrantes não esquecessem a que grupo étnico ele pertencia, apesar de viver na colônia. Talvez por essa diferenciação, Luís não gostasse do epíteto “Bugre”. Barbosa (2013, p. 21) afirma que “era serviçal, Luís, mas extremamente vingativo contra todos aqueles que o chamassem de Luís Bugre, nome que detestava”.

A integração de Luís Antônio da Silva Lima à colônia de São Vendelino se caracterizou pelo ensinamento de atividades laborais necessárias na colônia, e implicou que sua instrução tenha sido no português e alemão. O jovem coroadado - que em sua tradição indígena<sup>3</sup> já era considerado adulto quando adotado pela comunidade imigrante - vivenciava o cotidiano na localidade, porém, ainda visitava seus antigos companheiros indígenas, passando temporadas dentro e fora da colônia. Dornelles (2010, p. 5) destaca que “Luís Bugre era um intermediário entre os colonos e os indígenas, estabelecendo trocas comerciais de produtos como mel, peles, aves, espelhos, facas de metal, açúcar e sal. Luís também poderia ter assumido a função de guia (...)”.

O indígena, mesmo vivendo entre os imigrantes, não era bem visto por eles. Os modos de vida de Luís abominavam os estrangeiros, fazendo com que a desconfiança sobre ele crescesse a cada circunstância conflituosa oriunda do cotidiano. Dornelles (2010, p. 6-7) afirma que “entre os colonos alemães Luís Bugre não conseguiu obter prestígio, mesmo tendo-lhes sido útil e prestativo, parecendo que este permanente contato com seu mundo de origem lhe tornasse indigno da confiança dos alemães” Como se não bastasse a descrença dos alemães, o pejorativo “bugre” e os maldizeres que enfureciam Luís, a possível participação dele em um sequestro

---

<sup>3</sup> “Conforme os apontamentos do agrimensor Pierre Alphonse Mabilde (1983, [1836-1866], p.97), os meninos Coroados iam morar muito cedo sozinhos, por volta dos onze ou doze anos” (DORNELLES, 2010, p. 5).

na região contribuiu para a construção de um imaginário ainda mais negativo sobre o nativo.

### 3.3 Sequestro Versteg

Lamberto Versteg, alocado ao norte do município de São Vendelino há dez anos - aproximadamente desde 1858 - juntamente com esposa e dois filhos, recebe um convite para uma festividade de um amigo que migrou com ele para o Brasil:

Na casa comercial de Eisenbarth, Lamberto encontra um dia carta de seu velho amigo Valentim Weber, companheiro de viagem para o Brasil. A carta traz convite para a festa do padroeiro de São Sebastião do Caí, a realizar-se no dia 14 de janeiro de 1868 (BARBOSA, 2013, p. 21).

Lamberto atendeu ao convite e deixou em sua casa a mulher e os filhos armados, caso houvesse a necessidade de defesa contra os “temidos” indígenas. Conforme consta Dornelles (2010), após a saída de Lamberto, Luís teria ido até a fazenda e informado Valfrida<sup>4</sup> da necessidade de colocar panos brancos a vista na casa, a fim de sinalizar que a moradia era amiga dos nativos. Apesar da tentativa de proteção da morada, a família e alguns animais teriam sido sequestrados e a casa havia sido queimada na sequência.

Ao retornar, Lamberto teria procurado a família e acionado o sino da igreja para recrutar auxílio dos membros da comunidade a fim de iniciar as buscas de sua família. Foram duas investidas sem sucesso em busca dos familiares de Lamberto, inclusive com a participação de Luís Bugre, que mesmo sofrendo severa desconfiança dos colonos era figura indispensável, uma vez que se sabia que a família havia sofrido um ataque indígena de participantes da comunidade nativa de Luís. Lamberto, sem sucesso nas buscas, teria se mudado em seguida da região. Todavia, anos após o ocorrido, o jovem Jacó Versteg - filho de Lamberto - reapareceu contando sua versão - que incriminava Luís Bugre - sobre o sequestro. Luís Bugre, ao saber da notícia da fuga de Jacó e temendo a associação e represália ao crime, mudou-se para o norte da serra, colônia de Caxias, atual Nova Milano.

Segundo Dornelles (2010, p. 2), na colônia de Nova Milano, integrada por imigrantes italianos, Luís Bugre foi uma figura de grande prestígio – ao contrário da

---

<sup>4</sup> Segundo relatos do seu tataraneto, Valdomiro Sipp, chamava-se Catharina (ERTEL, 2017).

experiência em São Vendelino –, pois encarregou-se em receber e orientar os imigrantes italianos ali chegados, auxiliando-os no suprimento de suas primeiras necessidades. Luís decide instalar-se na região, registrando-se como colono Luís Antônio, indicando um fator de busca por pertencimento e desvinculação da terminologia “bugre” e ao que ela representava em um contexto majoritariamente europeu.

### 3.4 Acidente ou vingança

Para Luís Antônio, o bugre, na visão dos imigrantes, a mudança e a retomada de sua vida em outra cidade não teve um andamento duradouro. Luís teria se afogado no Rio das Antas, mas este episódio ainda convive com algumas contradições:

Quanto à sua morte, também são dispersas as informações. Teria participado de uma caçada junto a três luso-brasileiros: Felizardo da Costa Leite, Albino Rodrigues de Freitas e João Bogreiro [muito sugestivo esse sobrenome!!], no rio das Antas. Teria se afogado no rio. Um de seus filhos, Júlio, pensando ter sido o pai assassinado, resolveu tomar satisfação junto aos companheiros da caçada fatídica. Encontrou Albino Rodrigues de Freitas com quem discutiu. Por fim, Júlio morreu baleado no peito por esse homem. Seu irmão, Alberto, teria participado das medições de terras no Poço das Antas (DORNELLES, 2010, p. 11).

Como não sabia nadar, utilizava-se de dois porongos, para atravessar os rios a nado. Um dia, no rio das Antas, os porongos desamarraram-se e ele apareceu afogado (BARBOSA, 2013, p. 114).

Os relatos desconstruídos acima só concordam com a causa do óbito – afogamento –, deixando em aberto às condições antecedentes a esta morte. Teria Luís, um índio experiente em viver na natureza, sucumbido ao rio, essencial e bastante explorada fonte de vida? Teria sido assassinado por vingança pelo sequestro atrelado a ele, ou havia sofrido um atentado após uma desavença oriunda de uma caçada entre homens? Provavelmente, os antecedentes do fim da vida de Luís permanecerão incertos, pois os evidentes conflitos e solidariedades entre grupos étnicos em disputa por território e afirmação não possibilitaram uma visão homogênea e diversa dos fatos.

Para Carlo Ginzburg (2006, p. 2), a construção da História pregressa das classes não dominantes revela-se como grande desafio dos historiadores, uma vez que a mesma esbarra em poucas bibliografias e conta especialmente com relatos orais. O que exige uma problematização a partir dos dados e das circunstâncias dos eventos passados,

visando dar voz a personagens antes invisibilizados pela História. Para SAHLINS (apud DORNELLES, 2010, p. 2):

Veja por outra as oposições ontológicas são respaldadas por contradições ideológicas. As contradições surgem da disputa pelo predomínio moral na política e das atitudes diante do positivismo. A história factual é condenada como meramente política. Singularmente interessado nos feitos da elite, como se fossem os únicos a causar movimentos e abalos, esse tipo de história traz em si uma ideia hierárquica da sociedade – com seu culto ao poder, sua idealização do Estado e sua implicação de um futuro, assim como de um passado, encarnado pelos dirigentes.

Assim como Ginzburg e a afirmação de Sahlins, ainda contamos com materiais positivistas, que enaltecem geralmente as personagens da elite de um contexto histórico específico, exigindo do historiador uma leitura e comparação de dados ampla e variada.

A própria narrativa de Luís “Bugre” reforça a imagem dele como um selvagem e sequestrador, sem deter-se em pesquisar e registrar os relatos dos dois principais envolvidos no caso, uma vez que grande parte das referências foram construídas a partir de relatos exclusivos de Jacó Versteg, o imigrante sobrevivente do sequestro.

Inclusive em 1946, o Mons. Matias José Gansweidt publicou a obra “As vítimas do bugre”, a partir da narrativa do próprio Jacó e, fazendo questão de deixar registrada a autenticidade de seu livro baseado na experiência do sobrevivente, o livro traz como introdução, o seguinte registro:

Com a presente declaração, afirmo que a história que o Cônego Matias José Gansweidt, sob o título “As vítimas do Bugre”, escreveu acerca da minha pessoa e dos meus - o quanto me posso lembrar das particularidades - corresponde à realidade, o que afixo com minha assinatura. Poço das Antas, 20 de abril de 1928. Jacó Versteg. (O documento original em alemão traz a firma “Jakob Versteg” devidamente reconhecida) (GANSWEIDT, 1946, p.1).

Além das declarações contidas neste livro e as diversas outras obras referentes a esta história, a popularidade da história quase mítica do “bugre” e a curiosidade despertada a partir delas, possibilitou o conhecimento inesperado de uma relação familiar com a narrativa de Luís e Jacó. Segundo a fala da senhora Valesca Weirich,<sup>5</sup> seu falecido esposo Fridolino Weirich (06/01/1930-30/05/2017), era primo de terceiro grau de Carolina Weirich (ou Karoline Weirich em alguns registros). Carolina Weirich foi

---

<sup>5</sup> Valesca Weirich, nascida em 25/12/1938. Moradora de Seara- SC. Entrevista feita a partir de perguntas prévias, no dia 24/09/2017.

esposa de Jacó Versteg, a “vítima do bugre”. E na família Weirich, da qual pertencço hoje, a oralidade do acontecimento foi mantida de modo similar ao já apresentado até momento, evidenciando a mágoa de Luís por ser tratado de modo diferente em relação aos Versteg, e sua seguida tentativa de demonstrar poder através do sequestro. E sobre a versão de Luís, pouco se sabe. Seu descontentamento quanto à vida entre os imigrantes - que surge como um fator motivacional - aparece basicamente a partir das lentes de seus contemporâneos, o que mantém a necessidade de seguir analisando e “garimpando” novas fontes a fim de desvendar a complexidade do sujeito Luís Antônio da Silva Lima.

#### **4 UMA “BUGRA” NO VALE DO SINOS?**

O Vale do Sinos, como as demais áreas do Rio Grande do Sul, também era povoado por indígenas. Porém, a invisibilidade dos indígenas no processo de colonização também se demonstra corriqueiro, destacando as dúvidas quanto à assimilação, extermínio ou migração dos povos nativos.

No contexto da sobreposição das populações imigrantes às populações nativas do Rio Grande do Sul do século XIX, o processo de representações dos indígenas feitas pelo colonizador branco fica bastante evidente em vários relatos da época. Certamente os indígenas também construíram representações dos colonizadores, porém, foram predominantemente silenciadas pela violência, física ou psicológica, do processo de colonização e aculturação (PASTRE, 2015, p. 3).

Mas, graças a alguns registros encontrados no museu Visconde de São Leopoldo, localizado na cidade de São Leopoldo, a figura de uma imigrante alemã, que passa pelo menos um ano entre os indígenas e recebe o título de “bugra” ao retornar a sua morada, possibilita a análise de mais um encontro e conflito étnico no século XIX em pleno território gaúcho.

A trajetória de um grupo indígena liderado por um escravo foragido e de uma família de imigrantes alemães, servirá como um ligeiro comparativo para esta análise. O principal registro deste fato foi narrado por Leopoldo Petry, ex-prefeito da cidade de Novo Hamburgo – gestão de 1927 a 1930 – e escritor, encarregado de assinar algumas matérias do jornal local intitulado “O 5 de abril”:

Uma estratégia utilizada pelo Jornal O 5 de Abril, também presente na imprensa em geral, é a utilização de autoridades assinando as matérias, pois a presença de autores com capital simbólico para serem reconhecidos como autoridade também dá autoridade ao jornal. Dessa forma, o primeiro prefeito da cidade de Novo Hamburgo, Leopoldo Petry, era uma das principais autoridades a assinar matérias do referido jornal e autor do folhetim Maria Bugra, inspirado em fatos históricos (KERBER; PRODANOV; PUHL, 2007, p. 5).

Petry relata diversos folhetins inspirados no processo de colonização alemã e construção da identidade da cidade de Novo Hamburgo, destacando fatos, dados e histórias da formação étnica, física e social da referida cidade. Priorizava demonstrar o perfil ilibado dos colonizadores e sua bravura neste contexto desafiador da construção urbana do Vale do Sinos. Entre estes desafios trazidos por Petry, os conflitos entre imigrantes e nativos ganham espaço no folhetim denominado “Maria Bugra”:

Nos primeiros tempos da fundação da colônia de São Leopoldo, viviam os colonos num desassossego contínuo pelas repetidas invasões dos índios selvagens, que perturbavam os seus trabalhos, assassinavam famílias, queimavam as suas casas, raptavam suas mulheres e filhos, estes mais tarde ou mais cedo quase sempre foram resgatados pelas perseguições que pelas matas esses índios sofreram de uma companhia de pedestres, que naquele tempo estava empregada na defesa contra os selvagens, não somente para resgatar as famílias raptadas, como para afugentá-los das matas em que os colonos formavam seus estabelecimentos. A extensão do mato a defender era extraordinária e não era suficiente, às vezes, o número de homens empregados para prevenir a invasão desses índios, que sempre se aproveitavam da ausência daqueles homens, para invadir a colônia, e fazer os estragos, que tanto os fazia temer. Entre várias invasões que fizeram os índios na colônia de S. Leopoldo, citarei somente as seguintes, por terem sido acompanhadas de atos de ferocidade que para sempre ficaram gravados na memória dos colonos, principalmente dos parentes das vítimas (O 5 DE ABRIL, 17/07/1931, p. 1 apud KERBER; PRODANOV; PUHL, 2007, p. 202).

No trecho acima, extraído do jornal “O 5 de abril”, percebe-se com clareza a visão do colonizador a respeito dos nativos. Os mesmos são considerados marginais e assassinos, sendo o termo “invasão” utilizado constantemente. Como os indígenas poderiam ser invasores no contexto em que eles perdiam suas terras? Certamente esta percepção foi possível através da crença da legitimação reforçada pela Lei de Terras de 1850, que tinha, entre os objetivos, povoar regiões remotas do Brasil – desconsiderando o indígena neste processo – com imigrantes europeus e, basicamente, substituir a mão de obra escrava pela força “branca” assalariada.

A lei de terras coincidiu com o momento que ocorreu o avanço dos colonizadores brancos em direção ao planalto gaúcho, marginalizando os grupos

indígenas que habitavam este território (Braga, 2006), e gerando inúmeros conflitos entre os grupos étnicos.

#### **4.1 A família Watenpuhl**

O jovem Império do Brasil, recém independente, necessitava deles como soldados, agricultores, artesãos. Dez anos após a chegada dos primeiros imigrantes, revolução de uma década tomou conta do Rio Grande do Sul (1835-1845). Quase não ocorreram novos ingressos de imigrantes. Nova onda imigratória aconteceria somente a partir de 1850. Outras regiões do Brasil seriam atingidas. Foi assim que alemães chegaram às províncias brasileiras de Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais. O Rio Grande do Sul também foi beneficiado por esta onda (DREHER, 2004).

Heinrich Peter Watenpuhl nasceu na Alemanha, onde se casou com Maria Elisabeth Dienstmann e juntos tiveram seis filhos ainda em solo alemão, sendo que a filha mais nova, Maria Katharina, falece meses após o nascimento. Os Watenpuhl foram mais um exemplo de família que largou as certezas da terra de origem e decidiu embarcar para um novo continente, um novo país recém independente, o Brasil. No país o casal tem mais um casal de filhos, Heinrich Jacob, que nasce em Hamburgo Velho em 20 de novembro de 1845, e Maria Katharina – nome escolhido para homenagear a irmã falecida na Alemanha –, a menina que nasceu em Taquara do Mundo Novo, em 19 de outubro de 1848. Heinrich Peter Watenpuhl fica viúvo na sequência do nascimento de Maria Katharina, casando-se novamente com Margaretha Einsfeld, irmã de seu amigo Heinrich Einsfeld, com quem teve um filho (ENGELMANN, 2004, p. 307).

#### **4.2 O caso Watenpuhl**

Segundo o historiador argentino Antonio Serrano, em seu trabalho publicado na *Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*, nº.7, ano 1957, a família Watenpuhl estava toda reunida na propriedade de Heinrich Watenpuhl – inclusive com a filha do primeiro casamento Anna Margaretha que já havia casado e saído da casa do pai. A visita da filha devia-se ao fato de que Anna e seu esposo Heinrich Hoffmeister haviam tido a propriedade invadida:

Um acontecimento, porém, a levou passar alguns dias na casa de seu pai. O fato é que a casa onde moravam Anna Margaretha e Heinrich Hoffmeister foi, no fim do ano de 1851, invadida por um escravo foragido que tinha a intenção de roubar. Muito assustado, Heinrich o atingiu com um tiro. Ferido, o escravo fugiu. Temendo, então, a morte do foragido, resolveu consultar vizinhos sobre a atitude que deveria tomar, e, aconselhado, levou a jovem esposa à casa do pai e seguiu para São Leopoldo para apresentar-se às autoridades (ELGELMANN, 2004, p. 311).

Assim, Anna espera o retorno do marido na casa do pai e da madrasta, hospedando-se por alguns dias. Porém antes mesmo do retorno de seu esposo, um novo ataque – provavelmente motivado por vingança – ocorre, e a casa da família Watenpuhl é invadida pelo mesmo escravo foragido do episódio na casa de Anna, conhecido como João Grande. João, mesmo não tendo origem indígena, havia se integrado a um grupo de 23 “bugres” – indígenas coroados ou kaingang –, do qual se tornou líder. João Grande e os indígenas que liderava atacaram a propriedade enquanto a família praticava a colheita de feijão. Segundo Engelmann (2004, p. 311):

Estimulados por João Grande, que era um escravo revoltado e fugitivo, os silvícolas<sup>6</sup> demonstraram grande crueldade, quando interromperam a vida deste imigrante enquanto trabalhava, realizando as tarefas comuns a todos os colonos, plantando, envolvido com a colheita, criando animais, promovendo o progresso do vale.

De modo semelhante ao ocorrido com a família Versteg, narrado no início deste artigo, os nativos sequestram a família Watenpuhl, mantendo-os no convívio diário do grupo, como novos integrantes. Os alemães sequestrados adaptam-se a rotina na mata, adquirindo novos hábitos e práticas:

Neste lugar, a família foi mantida por mais de um ano, aproximadamente quinze meses, como algumas pesquisas indicam. O passar do tempo fez com que a vigilância sobre os raptados diminuísse muito e os Watenpuhl foram adquirindo hábitos dos bugres. Os silvícolas procuravam integrar os prisioneiros à vida da selva, à sua cultura e aos seus costumes, obrigando-os a executar tarefas rudes, tomar banhos de rio em dias frios, em plena madrugada, bem como, também, andarem nus. Arrancaram-lhes todos os cílios e pelos do corpo, tingindo suas peles com tintas vivas, preparadas de seiva de árvores, para torná-los imunes contra picadas de insetos e as intempéries do tempo e da natureza (ENGELMANN, 2004, p. 315).

---

<sup>6</sup> Silvícolas: que habita as selvas ou nelas se cria. SILVÍCOLAS. In: DICIONÁRIO Aurélio de Português Online. 2016. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/silvicola>>. Acesso em 5 out. 2017.

A relação de confiança construída pelo tempo de convivência possibilitou a diminuição da vigilância indígena sob os imigrantes e Anna – conhecida posteriormente como Maria Bugra – percebe uma oportunidade de fuga:

Quando ao escurecer já se encontravam no acampamento todos os bugres, queixou-se ela à velha de que estava com muita fome, e pediu licença para ir colher algumas frutas que tinha visto perto dali. A velha concedeu-lhe a licença pedida, avisando-a, porém, de que ali perto tinha sido verificada a presença de um tigre. Maria, satisfeita com a licença obtida, dirigiu-se para o interior do mato, procurou os rastros do gado e seguiu-os, correndo o quanto podia. Às vezes encontrava, em terreno solto, profundos trilhos de animais e nessas ocasiões usava da precaução de seguir com as costas para frente, afim de melhor iludir os bugres, caso estes se lembrassem de a perseguir e lhe seguissem o rastro. Assim correu a inditosa senhora enquanto a claridade do dia deixava ver o trilho que vinha seguindo [...]. De repente notou que uma ponta de gado vinha avançando contra ela. Para fugir ao novo perigo, subiu numa árvore isolada que ali perto estendia a sua frondosa copa. O gado, com mugidos agitados, rodeava a árvore. Não julgava a coitada que desse novo perigo lhe poderia resultar a salvação. No entanto, não longe dessa mesma árvore, estava parando rodeio um estancieiro com seus escravos. Advertido pela excitação dos animais, foram verificar o que havia ali de anormal. À sua aproximação, o gado retirou-se e Maria desceu da árvore, escondendo-se, porém, logo por detrás do seu grosso tronco, pedindo por meio de acenos que lhe dessem uma peça de roupa pois, tendo perdido na fuga até a tanga, estava completamente nua. Vendo à sua frente uma mulher em lamentável estado e que, pelo seu procedimento, revelava educação, compadeceu-se o nobre gaúcho, e tirando o pala que tinha enfiado, atirou-o à pobre senhora, que assim pode cobrir a sua nudez. Fazendo-a montar, em seguida, na garupa do seu cavalo, levou-a para casa, onde mandou dispensar-lhe todos os cuidados que seu estado exigia (O 5 DE ABRIL, 31/ 07/1931, p. 1 apud KERBER; PRODANOV, PUHL, 2007, P. 206-207).

O fragmento acima, além de apresentar as informações da fuga de Maria, também proporciona uma análise interessante: a figura do bondoso gaúcho que gentilmente teria coberto a mulher “nua e em estado lamentável”. A valorização do caráter do homem branco, protegendo e salvando a mulher dos “selvagens”, revela a percepção da época quanto à diferenciação étnica e o imaginário acerca dos nativos. Após a fuga, seguida do bem-sucedido resgate, a jovem senhora foi encaminhada ao capitão Francisco Müller, que utiliza uma parceria com o cacique Doble – inimigo de João Grande – para resgatar o restante da família e punir os envolvidos:

O ódio que Cacique Doble tinha por João Grande era devido ao fato de ele ter incorporado a filha, o genro e a mulher de Cacique Doble ao seu bando de ladrões. Felisberto enviou imediatamente dois de seus homens para pedir auxílio do cacique para resgatar os prisioneiros. Também avisou o inspetor Francisco Müller, que logo chegou, acompanhado de muitas pessoas, inclusive do Capitão José Hörmayer. Cacique Doble também atendeu ao pedido e marchou com seus homens até o acampamento de João Grande (COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA, 2016, p. 3).

A aliança entre o cacique Doble e a força militar que havia sido organizada para a retomada dos outros membros da família Watenpuhl e para a punição do grupo de nativos e, especialmente, de João Grande, obteve êxito:

O Capitão José Hörmayer, militar austríaco, um dos mercenários da Guerra da Cisplatina, depois de dispensado do serviço militar tinha vindo para as colônias alemãs fazer estudos e observações. Esteve ao lado do Cacique Doble nesta libertação dos Watenpuhl, e afirmou que, depois do combate e extermínio da horda de João Grande, todos - a família raptada, o Cacique Doble e seus homens - foram levados triunfalmente para São Leopoldo, depois para Porto Alegre (COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA, 2016, p. 4).

Após o retorno da família ao meio urbano, Anna Margaretha Watenpuhl ganha fama como “Maria Bugra”, sendo transformada em uma corajosa sobrevivente. Com o passar do tempo, Anna retoma seu casamento e constitui família no Vale do Sinos, dando à luz a um menino chamado Emanuel Hoffmeister, batizado em Campo Bom. (ENGELMANN, 2004).

## **5 “TROPA DE BUGRES”: PRÁTICA DE EXTERMÍNIO INDÍGENA**

A lei de terras promulgada em 1850, impedindo a doação de terras a imigrantes, ocasionou uma mudança geográfica na busca dos colonos por áreas com preços melhores para estabelecer moradas, conforme apontam Silveira e Oliveira (2005, p. 31). Este redirecionamento que exigia eficiência e rapidez para acomodar o número crescente de imigrantes desconsiderou efetivamente os nativos da terra. A simples tentativa de diálogo entre brasileiros da terra e imigrantes não se compreendia como necessária naquele contexto histórico, pois o direito da classe dominante mostrava-se evidente e inquestionável, restando - na visão dos colonizadores - a conformidade e adequação aos indígenas.

Às classes subalternas das sociedades pré-industriais é atribuída ora uma passiva adequação aos subprodutos culturais distribuídos com generosidade pelas classes dominantes (Mandrou), ora uma tácita proposta de valores, ao menos em parte autônomos, em relação à cultura destas classes (Bollème), ora um estranhamento absoluto que se coloca até mesmo para além, ou melhor, para aquém da cultura (Foucault) (GINZBURG, 2006, p. 6).

Como apontado por Ginzburg no trecho acima, a adequação ou o estranhamento absoluto entre classes distintas mostrava-se como condição marcante

no processo de embate ideológico. Este embate é representado nos casos citados anteriormente – Luís “bugre” e Maria bugra – neste artigo. O conflito entre classes e etnias proporcionou reações adversas, uma vez que as camadas “subalternas” não optaram unanimemente pela assimilação, afastamento ou adequação e, sim, pelo enfrentamento.

Essa condição de enfrentamento que se apresenta mais comum a partir da tentativa de tomada de terras fortemente povoadas por indígenas, juntamente com a necessidade dos imigrantes em se estabelecerem em terras brasileiras. Isso provoca um movimento de “limpeza étnica” realizado pelos chamados “bugreiros”:

As menções a esses grupos mantêm uma ótica civilizatória, fazendo referência aos “bugres” como animais selvagens que devem ser eliminados. Nesse processo, criam-se os primeiros toldos indígenas, que reuniam os índios em terras a serem demarcadas e formam-se as tropas de bugreiros, responsáveis pelo extermínio de grande parte da população indígena (SILVEIRA; OLIVEIRA, 2005, p. 31).

Marisa Schneider Nonnenmacher (2000, p. 25), destaca que estes grupos de extermínio eram financiados pelos governos provinciais e pelas empresas responsáveis pela alocação de novos imigrantes, ficando conhecido como “tropa de bugres”.

Este panorama de ação contra os indígenas foi uma tomada de territórios sem qualquer concessão ou disputa justa entre os grupos étnicos, deixando escassas opções aos nativos que não se contentaram com a fuga e o silêncio, preferindo estabelecer práticas de resistência e imposição de sua presença, dentro de suas possibilidades.

## **6 ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA INDÍGENA NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO**

Certamente, a tentativa de assimilação, aliança, acordos e até mesmo o uso da força, foram utilizados como estratégias de sobrevivência, demonstração de poder, importância e manutenção e barganha de terras, especialmente pelos nativos no Rio Grande do Sul. O próprio cacique Doble, citado no folhetim “Maria Bugra”, revela sua importância ímpar para os imigrantes ao auxiliá-los no resgate da família Watenpuhl.

Porém, mesmo tendo comprovado sua importância e utilidade aos desejos dos imigrantes, sua ajuda parece ser recompensada apenas com desprezo e dor:

A gente do cacique Doble também teve um fim triste. Tendo sido presenteados pelo governo provincial com fardamentos usados por soldados atacados de varíola, os pobres índios, muito satisfeitos, vestiram-nos sendo, então, atacados igualmente do mesmo terrível mal. Não conhecendo a doença, julgavam que com banhos de água fria poderiam curar-se, mas o contrário aconteceu. Quase todos morreram e os restantes retiraram-se para o norte da província, onde se reuniram num toldo, na zona próxima ao rio Uruguay e que ainda hoje existe, sob o nome de Cacique Doble, no município de Erechim (O 5 DE ABRIL, 07/08/1931, p. 1 apud KERBER; PRODANOV; PUHL, 2007, p. 209).

Situações de conflitos étnicos – como do trecho acima – não podem contar com uma análise reduzida dos fatos, baseada em classificação restrita dos sujeitos em bons ou maus. É preciso ampliar a percepção para identificar a efervescência vigente entre nativos e colonizadores, destacando as práticas de resistência de populações que revelam desinteresse em assimilarem-se enquanto um único povo.

Segundo Sandor Fernando Bringmann os ataques – as “correrias” – de kaingangs às vilas de colonos era uma prática relacionada a ação e reação:

Podemos vislumbrar as correrias sob a ótica da dualidade ação/reação. Partindo desse aspecto, consideramos como ações a intrusão dos imigrantes em territórios indígenas, derrubando as matas, principalmente os pinheirais e construindo casas e roçados no seu lugar. Estas ações geraram a reação dos primitivos habitantes, que perceberam a ameaça que tal fenômeno incidiria em sua hegemonia territorial e os riscos para a manutenção das áreas em que habitavam (BRINGMANN, 2009, p. 113).

Esta reação indígena, especialmente kaingang no Rio Grande do Sul, demonstra a luta pela terra daqueles que aqui já habitavam, porém pouco foram consultados sobre seu destino, já que estes registros são escassos, marcados principalmente pelas negociações com Cacique Doble. As reações kaingangs contribuíram para a caracterização como ferozes, bárbaros, incivilizáveis. Portanto, na concepção da época, deveriam ser tratados como tais (BRINGMANN, 2009, p.114).

Dentro deste panorama de resistência e segregação étnica – característica do ser humano – os relatórios de província da época relatavam os casos de incursões indígenas nas terras dos colonos com grande preocupação, cobrando soluções objetivando o fim do perigo “bárbaro” kaingang:

Estariamos muito contentes e felizes se não fosse um grande mal, isto é, se homens selvagens que já desde muito tornaram os matos inseguros e roubaram a vida de 21 irmãos alemães (...). Agora os alemães se mudaram das colônias mais afastadas e se reuniram no meio dessa picada e também na localidade avançada onde moro e assim não há grande perigo e Deus, nosso único auxílio, nos queira proteger dos selvagens (...) (Carta de Mathias Franzen a Mathias Rochembach, 27-08-1832. In: BECKER apud BRINGMANN, 2009 p. 113).

Como tentativa de resolução das reclamações de insegurança dos colonos, em 1846 iniciam os aldeamentos indígenas, que tinham como objetiva delimitar locais para que os indígenas praticassem sua subsistência e vivessem distantes do contato com o imigrante:

Nesse empreendimento, foram envolvidos os padres jesuítas para a catequese, forças de pedestres para o policiamento das áreas e bugreiros para a retirada dos índios das matas. O aldeamento foi uma das alternativas encontradas para tentar solucionar o problema segundo a lógica estatal, porém nem sempre os objetivos foram alcançados (BRINGMANN, 2009, p. 115).

Os aldeamentos indígenas que são criados como alternativa a rápida expansão dos imigrantes, foram mais uma forma de padronização e segregação social imposta pelo governo brasileiro a fim de resguardar o colono dos embates. Porém, a resistência continuou mostrando-se como prática fiel aos princípios culturais já estabelecidos pelos indígenas. Deste modo, foi marcada por outras importantes reações, além do enfrentamento direto: a) fuga para territórios ermos, adiando o enfrentamento; b) reação hostil aos invasores, que os levou a um estado permanente de guerra; c) aceitação do convívio, que para o etnólogo significou a fatalidade inevitável” (RIBEIRO apud BRINGMANN, 2009, p. 120).

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste trabalho foi destacar os povos indígenas como personagens povoadores no Vale do Sinos, apresentando brevemente o cenário em que viviam, como foram tratados no primeiro momento de colonização europeia, suas estratégias de resistência e os conflitos, decorrentes destas diferentes situações inquietantes. Ao longo da pesquisa, outras percepções sobre esta convivência forçosa foram possíveis, possibilitando uma problematização de questões mais amplas, como a tentativa de

compreender as principais motivações dos grupos étnicos e suas impressões e “verdades” de cada um.

O Vale dos Sinos recebe constantemente o título de “berço da imigração alemã”, sediando festas, eventos e produzindo inúmeros materiais bibliográficos a respeito da cultura alemã. Mas carecemos de informações sobre as populações diversas, especialmente das indígenas, cujos conhecimentos geralmente não ultrapassam a crença de que já estavam aqui quando os europeus desembarcaram nestas terras. Este artigo procura problematizar as relações entre as etnias desta região do Estado, recorrendo às mentalidades e práticas dos sujeitos indígenas que não contentaram facilmente as ações do processo imigratório que os desconsiderava e excluía da tomada de decisões e de suas terras, restringindo suas escolhas quanto ao modo de viver.

A partir deste estudo que analisa dois casos de conflitos entre indígenas e colonizadores, é possível perceber a breve e conflituosa convivência entre as etnias e uma imensa dificuldade de percepção de que todos os grupos humanos estão em busca de desenvolvimento pessoal – seja motivado por fatores econômicos ou sociais – no mesmo espaço em que habitam. Talvez, como afirma o historiador Yuval Noah Harari, “a evolução fez do sapiens, como os outros mamíferos sociais, uma criatura xenofóbica. Sapiens, instintivamente divide a humanidade em duas partes, ‘nós’ e ‘eles’” (2017, p. 203), e esta divisão apenas contribui para a manutenção de práticas nocivas aos envolvidos, segregação e legitimação de extermínio entre os séculos.

## FONTE DOCUMENTAL

Entrevista concedida por WEIRICH, Valesca. **Entrevista I**. Entrevistador: Bruna Raquel Pilatti Weirich. São Leopoldo, 2017.

## REFERÊNCIAS

ATHIAS, Renato. **A noção de identidade étnica na antropologia brasileira**. De Roquette Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007.

BARBOSA, Fidelis Dalcin. **Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013.

BRAGA, Marcio André. **Os selvagens da província: índios, brancos e a política indigenista no Rio Grande do Sul entre 1834 e 1868.** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISONOS), São Leopoldo, 2006.

BRINGMANN, Sandor Fernando. Fronteiras da inclusão e da exclusão: reflexos do contato entre os kaingangues e as frentes de expansão (séc. XIX). In: KERN, Arno Alvarez; SANTOS, Maria Cristina dos; GOLIN, Tau (dir.). **Povos indígenas.** Volume 5. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos Editora, 2009.

COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA. A Tragédia da Família Watenpuhl - 2ª parte. **Carta Mensal**, Rio de Janeiro, n. 131, p. 3-5, jan.-fev. 2016. Disponível em: <<http://www.cbg.org.br/cartamensal/131/cm131.pdf>>. Acesso em 9 set. 2017.

CUNHA, Jorge Luiz da. Os interesses políticos e econômicos na colonização do sul do Brasil com alemães. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 20, 1999, Florianópolis. **História: fronteiras.** Anais eletrônicos... Florianópolis: ANPUH, Humanitas FFLCH/USP, 1999. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S20.87.pdf>>. Acesso em 5 out. 2017.

DICIONÁRIO Aurélio de Português Online. 2016. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/silvicola>>. Acesso em 5 out. 2017.

DORNELLES, Soraia Sales. O protagonismo histórico indígena no Rio Grande do Sul do século XIX: a experiência de Luís Bugre. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10, 2010, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria: Anpuh/RS, 2010. Disponível em: <[http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279471348\\_ARQUIVO\\_textoAnpuhregional.pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279471348_ARQUIVO_textoAnpuhregional.pdf)>. Acesso em: 5 out. 2017.

DREHER, Martin N.. Introdução. Uma palavra para a caminhada. In: ENGELMANN, Erni Guilherme. **A saga dos alemães – do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo.** Igrejinha/RS: E.G. Engelmann, 2004.

ENGELMANN, Erni Guilherme. **A saga dos alemães – do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo.** Igrejinha/RS: E.G. Engelmann, 2004.

ERTEL, Débora. O caingangue e os Verstieg: uma história que sobrevive há 150 anos no Vale do Caí. **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 17 set. 2017. Disponível em: <[http://www.jornalnh.com.br/\\_conteudo/2017/09/noticias/regiao/2172938-o-caingangue-e-os-verstieg-uma-historia-que-sobrevive-ha-150-anos-no-vale-do-cai.html](http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2017/09/noticias/regiao/2172938-o-caingangue-e-os-verstieg-uma-historia-que-sobrevive-ha-150-anos-no-vale-do-cai.html)>. Acesso em: 25 set. 2017.

GANSWEIDT, Matias José. **As vítimas do Bugre.** Porto Alegre: Edição Livraria Selbach, 1946.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUISARD, Luis Augusto De Mola. O bugre, um João-Ninguém: um personagem brasileiro. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol.13 n. 4, out./dez, p. 92-99, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000400010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400010)>. Acesso em: 5 out. 2017.

KERBER, Alessandro; PRODANOV, Cleber Cristiano; PUHL, Paula Regina. Representações étnicas no folhetim Maria Bugra: episódio dos princípios da colonização alemã e a construção da identidade da cidade de Novo Hamburgo. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 26, p.191-214, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/5396/3053>>. Acesso em 5 out. 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**. Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2017.

NONNENMACHER, Marisa Schneider. **Aldeamentos Kaingang no Rio Grande do Sul**: século XIX. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PASTRE, Nathan Ferrari. O contato, o contexto e as representações: o indígena e o imigrante europeu no Rio Grande do Sul do século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Anpuh, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434466768\\_ARQUIVO\\_nathanferrari.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434466768_ARQUIVO_nathanferrari.pdf)>. Acesso em 5 out. 2017.

PETRY, Leopoldo. **O município de Novo Hamburgo** – Monografia. Porto Alegre: Edições A Nação, 1959.

SEYFERTH, Giralda. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre o racismo. In: SEYFERTH, Giralda *et al.* **Racismo no Brasil**. São Paulo; Peirópolis: ABONG, 2002.

SILVEIRA, Elaine da; OLIVEIRA, Lizete Dias. **Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do RS**. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

WEBER, Regina. **Líderes e intelectuais étnicos**: significados e interpretações. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em:<<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historiapos/files/2013/10/Li%CC%81deres-e-intelectuais-e%CC%81nicos-UFPR-Prof-a-Regina-Weber.pdf>>. Acesso em 5 out. 2017.